

MÍDIA E CARISMA NA TRAJETÓRIA DE ROMILDO RIBEIRO SOARESⁱ

Joseane Cabral da Silva (Jornalista e mestre em Ciências Sociais PPCIS/UERJ)

Resumo. O paper apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o neopentecostalismo da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), tendo como referência a figura de Romildo Ribeiro Soares, fundador e principal líder dessa denominação. A hipótese central trabalhada é que o discurso produzido pela IIGD encontra-se alicerçado, prioritariamente, na trajetória religiosa de R. R. Soares. Trajetória construída simbolicamente por Soares e retroalimentada pelos meios de comunicação da igreja em questão com base na liderança carismática de R. R. Soares, dimensão que possui antecedência e primazia em relação à instituição por ele fundada. Argumenta-se que a IIGD se constitui e se expande a partir da construção e da valorização do carisma de Soares. A referência à biografia de Romildo Ribeiro Soares é um elemento constante na narrativa oficial da igreja, presente nos livros, nas revistas, nos jornais e nas demais publicações da denominação, bem como em seu próprio discurso e nas estratégias de evangelização e difusão da denominação em programas de televisão. Nesses veículos, Soares é definido não como um simples pastor, mas como o Missionário R. R. Soares, um homem que recebeu um "chamado especial" para levar as "boas notícias" do Evangelho "até os confins da Terra". Tal discurso pode ser entendido como uma representação, ou seja, a maneira pela qual a Igreja da Graça conta uma história sobre e para si mesma. Este estudo fundamenta-se em um esforço compreensivo-interpretativo dessa representação, à luz dos debates em torno do carisma, presentes na teoria weberiana.

Palavras-chave:

Neopentecostalismo; Biografia; Carisma.

Introdução. O ponto de partida deste *paper* é o resgate histórico do neopentecostalismo da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), com base na trajetória religiosa de Romildo Ribeiro Soaresⁱⁱ. Para escrever este trabalhoⁱⁱⁱ, além da revisão bibliográfica sobre o tema, presente na sociologia da religião, tomei contato com a produção discursiva da IIGD, expressa primordialmente em seus materiais midiáticos (livros, revistas, jornais, CDs de pregação, programas televisivos, panfletos etc.), bem como fiz um recorte temático a partir da recorrência da figura de Soares nesses materiais. Tomei como referência ainda o atual programa de TV da igreja^{iv}, assim como utilizei o portal da denominação na Internet e números específicos das principais revistas da Graça Editorial.

O resgate histórico que realizo não deve ser entendido como uma “busca da verdade”, ou como uma tentativa de captar, de forma rígida, uma consecução de acontecimentos e fatos do passado, mas como uma possível interpretação da narrativa produzida pela

igreja. De acordo com a minha leitura, uma das características inerentes ao neopentecostalismo da IIGD é a constituição de sua legitimidade como algo que se encontra fortemente alicerçado no carisma de seu mentor espiritual.

Entendo, por isso, ser impossível discutir Igreja da Graça sem mencionar aquele que, desde o surgimento da denominação, tem-se apresentado como seu símbolo imediato. Esse símbolo ao qual a imagem da igreja aparece imediatamente vinculada é o comunicador, pastor e empresário Romildo Ribeiro Soares, mais popularmente conhecido por seu público como Missionário R. R. Soares.

Uma vez que falar sobre a Igreja da Graça é esbarrar, inevitavelmente, em seu fundador, ao longo dessas linhas, traço um mapeamento biográfico de Soares, ressaltando, por meio da reconstrução da trajetória religiosa desse líder, feita pelos veículos de comunicação da IIGD e pelo próprio Missionário em suas mensagens, que o processo de reconhecimento do ministério de Soares não apenas se confunde com a história e a natureza da denominação fundada por ele, como também se sobrepõe a ela.

Para proceder com a análise desse discurso, optei por trabalhar, comparativamente à bibliografia sobre a história do neopentecostalismo, com depoimentos sobre o ministério de Soares fornecidos pelos veículos de comunicação da própria igreja. Se por um lado trabalhar com dados oficiais implica algumas limitações e perdas etnográficas^v, por outro, traz à tona o fato de que esses dados, por serem fruto de uma edição do real feita pela IIGD, podem ser entendidos, antropológicamente, como uma “representação”, ou seja, um “meio de dizer alguma coisa sobre algo”.

Dessa forma, leio os depoimentos selecionados pelos jornalistas da IIGD como Clifford Geertz lê a briga de galos entre os balineses: um acontecimento semântico e atualizador de conteúdos simbólicos produzidos por um grupo social. Em outras palavras, interpreto o discurso produzido pela IIGD como uma história que uma coletividade conta sobre e para si mesma (1989: 316).

Essa história que a Igreja da Graça conta sobre e para ela mesma encontra-se presente em todos os veículos da denominação, assim como na literatura produzida sobre o

ministério de R. R. Soares, apresentando-se sob a forma de um farto material etnográfico. Dada a impossibilidade de qualquer estudo, por mais criterioso que seja, apreender “a” realidade investigada, à luz da análise compreensiva de Max Weber e da antropologia hermenêutico-interpretativa de Geertz, não tenho a pretensão de dar conta da “totalidade” desse discurso produzido pela igreja. Procuo apenas apontar uma possível leitura dele.

Fiz, portanto, uma seleção dos materiais em que essa representação aparece de forma mais evidenciada, a partir das campanhas de R. R. Soares e, sobretudo, da comemoração dos 30 anos do ministério de Soares, já que esse fato foi lido pela liderança da igreja como o mais importante de 2005, sendo, desde janeiro daquele ano, comemorado amplamente pelos líderes, liderados e pelos fiéis, através dos chamados Shows da Fé Especiais^{vi}.

Tomo como referência, então, para pensar a representação acerca da e produzida pela IIGD, a apresentação de R. R. Soares no programa Show da Fé, no portal da Igreja da Graça na Internet^{vii} e nas revistas Carta Viva^{viii} e Graça Show da Fé. Atualmente, esta é a mais importante publicação da IIGD, por se manter em consonância com o programa Show da Fé e com toda a produção imagética e doutrinária da Igreja da Graça. Para fins analíticos da trajetória de Soares como algo que se sobrepõe à história da igreja por ele fundada, utilizo a Carta Viva de número 55, publicada em junho de 2000, por ela fazer menção a uma das comemorações do aniversário da igreja. Um dos momentos em que a IIGD reconta e refaz o percurso do seu surgimento até os dias atuais.

No que se refere à Graça Show da Fé, faço referência a quatro edições em especial, a saber, agosto de 2003 e abril, junho e julho de 2005 (números 49, 69, 71 e 72, respectivamente). A edição de agosto de 2003 foi considerada por fazer a cobertura jornalística de um evento lido pela revista como um “acontecimento histórico”: a primeira vez em que R. R. Soares pregou em sua terra natal. Considero tal matéria importante, posto que, nela, Soares se recorda de algumas ocasiões que acredita serem bastante significativas em sua trajetória.

As edições 71 e 72 são analisadas por conterem uma peça publicitária que traz uma enorme foto de Soares no meio da revista, exemplificando a dimensão que a figura desse líder possui na maneira como a igreja fala de si mesma. Por fim, a edição de abril de 2005 foi considerada como fonte de pesquisa etnográfica por se tratar do número que traz como matéria de capa os 30 anos de consagração de R. R. Soares ao pastorado^{ix}, sob o título *Trajectoria de fé, curas e vitórias*. Essa edição constitui-se em uma importante referência a respeito da forma como a igreja conta, ao longo das oito páginas de reportagem, a biografia de Soares, remontando as “origens”^x da caminhada religiosa de tal líder a uma infância interiorana, pobre, de privações e, ao mesmo tempo, de intenso contato com o sagrado. É essa a maneira como se narra, oficialmente, o ministério de Soares: uma trajetória de 30 anos marcados pela fé, “unção” e por muitas “curas e vitórias”.

Dada a formação marcadamente religiosa de Soares, como algo que se construiu desde a infância, é impossível pensar a trajetória de R. R. Soares sem traçar um paralelo com a galeria mítica dos “heróis da fé”, os também chamados “tipos de Cristo”, fornecidos pela Bíblia. As histórias desses personagens revelam-se como a fonte primeira de inspiração e atualização do conteúdo simbólico da vida de Soares^{xi}, desde seus tempos de menino, quando ele ter-se-ia convertido ao protestantismo histórico, tornando-se freqüentador da Escola Bíblica Dominical^{xii}.

Assim como a trajetória de Soares, a história da igreja fundada por ele também deve ser lida, hermeneuticamente, a partir desses construtos arquetípicos, pois a denominação foi gestada com base na cosmovisão cristã e na interpretação neopentecostal desse aparato valorativo. Narrar a trajetória de Soares e da IIGD é fazer referência a cada um dos personagens bíblicos. É pensar cada ato do Missionário à semelhança dos passos dados pelos heróis da fé.

A religiosidade cristã, principal motivadora das ações de Soares desde a infância, deve ser entendida, então, à luz do que Geertz chamou de “padrões culturais”, os quais têm um duplo aspecto intrínseco: são “modelos de” e “modelos para”, ou seja, “eles dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica,

modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos” (1989: 108).

Dito de outra forma, a religião, tomada como um padrão cultural, pode ser entendida, duplamente, como uma representação da realidade (um modelo de) e como fornecedora de sentido à realidade (um modelo para). Assim, quando Soares se apropria da história dos personagens bíblicos para pensar sua própria trajetória, está, ao mesmo tempo, retirando sentido do imaginário cristão para as suas ações e atualizando o conteúdo presente nesse conjunto de valores, garantindo verossimilhança ao universo mítico a que faz referência.

Romildo Ribeiro Soares e sua construção como líder carismático. Em sua atuação televangelística, Romildo Ribeiro Soares se constrói como um “comunicador nato”. É alguém que possui uma forte presença de palco, não se intimidando diante das câmeras. Analisando essa atuação, quero propor a problematização dessa noção de “comunicador nato”. Apesar de toda a naturalização desse termo, feita pelo senso comum e pelo ambiente televisivo, tenciono dele me apropriar no que se refere a uma possível leitura weberiana da trajetória religiosa de R. R. Soares. A partir dela, proponho a compreensão da caminhada eclesiástica desse líder, assim como o estabelecimento de seu ministério, como fruto de desenvolvimento de um domínio religioso. Domínio que encontrou suas bases, dentre outros, na liderança de Soares e em seu “carisma” ou “dom” pessoal (da palavra, da cura, da intercessão etc.).

O Missionário é, pois, à luz dos estudos de Weber, o depositário dessa qualidade extraordinária, uma espécie de “receptáculo da divindade”, com vistas a cumprir os desígnios e os propósitos de Deus e a transmitir aos demais homens as “Boas Novas” soteriológicas do Evangelho. O título pelo qual Soares é reconhecido como ministro religioso, “Missionário” (com a inicial em caixa alta), é emblemático, acenando para a construção social de uma liderança fortemente alicerçada no carisma pessoal.

Ao contrário da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na qual outros pastores podem obter, assim como Edir Macedo, o título de bispo, ninguém mais, no interior da IIGD, é chamado de Missionário, com “m” maiúsculo. Ele é único, não só entre os

líderes da IIGD, como entre os demais missionários espalhados pelo mundo. Seu atributo ou “chamado especial” aparece sob diversas formas, sobretudo no que se refere a uma capacidade “inerente” de tocar corações e mentes com suas mensagens. Assim como os intrépidos personagens bíblicos, quando Soares “abre a sua boca”^{xiii}, não o faz por si mesmo. É o próprio Deus quem fala por seu intermédio.

Minha leitura dessa singularidade é a de que ela não se dá ao acaso. Ela demarca, simbolicamente, a distinção, em termos hierárquicos e lingüísticos, entre o Missionário e seus liderados, no que se remete ao reconhecimento de R. R. Soares como o detentor de uma “unção” *sui generis*. É uma maneira de sinalizar para os liderados e também para os demais líderes da IIGD quem possui o carisma. Isso seria uma estratégia para evitar possíveis disputas em torno da liderança carismática, como a que teria ocorrido entre R. R. Soares e Edir Macedo, em 1977, à frente da Igreja Universal do Reino de Deus, como mostrarei mais adiante.

A centralidade de Soares nos veículos da IIGD. É na mídia da igreja que Soares encontra espaço para afirmar e retroalimentar seu carisma junto aos seus liderados. Como tenho mostrado, ele o faz, dentre outras formas, revelando-se como um “comunicador nato”. Seu estilo de apresentação no Show da Fé não deve nada ao de comunicadores experientes. Mesmo porque R. R. Soares não é um novato quando se trata do ambiente televisivo. Ele está no ar como telepregador desde novembro de 1977^{xiv}.

No púlpito/palco de onde se dirige ao público, Soares se sente bastante à vontade. Naquele espaço, ele não se limita a pregar. Aproveita também para demonstrar suas outras habilidades, como cantar, contar histórias sobre sua vida e seu ministério, fornecer aconselhamento pastoral ao público, brincar com seus espectadores e determinar a cura dos que assistem ao seu programa. Tudo isso de uma maneira que transmite muita espontaneidade e naturalidade a quem assiste às suas “performances”.

Nos veículos impressos, a mesma empatia e intimidade com o público é construída em relação à figura do Missionário. Em Graça Show da Fé, o Missionário é o assunto em boa parte das 82 páginas da revista. R. R. Soares não só assina o editorial, como possui

diversas editorias dedicadas ao seu ministério e à comunicação com seu público, como Minha Resposta, Carta Viva, Palavra dos Patrocinadores, Jornal das Boas Novas, dentre outras.

As fotos do Missionário, ora com seu sorriso simpático, ora com um semblante sereno e tranqüilo, reproduzem, assim, o lugar que esse líder ocupa nos meios de comunicação da igreja: mais do que as doutrinas da IIGD, ele e seu ministério, nesta ordem, são o que a igreja deseja comunicar ao leitor. Em outras palavras, a representação imagética do Missionário é uma forma de alicerçar, em termos midiáticos, a dominação carismática exercida por ele, através da divulgação dos eventos especiais de Soares no programa de televisão da IIGD e nos veículos impressos.

Esse aspecto da construção do discurso da igreja forma uma espécie de circularidade metalingüística entre o que se publica e o que se veicula na TV: a revista publica matérias sobre as campanhas e os cultos televisionados presididos por Soares. No Show da Fé, por sua vez, Soares reforça, junto aos telespectadores, a importância da compra e da leitura da revista Graça Show da Fé, a qual compreende, por sua vez, a publicação e a divulgação dos eventos da IIGD.

Além das colunas que R. R. Soares assina e da cobertura jornalística feita sobre seu ministério, o Missionário aparece também sob a forma das diversas peças publicitárias, publicadas ao longo da revista Graça Show da Fé. Essas peças anunciam materiais audiovisuais produzidos pela igreja, principalmente livros, CDs e vídeos de pregação de autoria do Missionário ou que façam alguma referência a ele, assim como CDs contendo hinos clássicos e atuais gravados por R. R. Soares.

As edições de Graça Show da Fé de junho e julho, por exemplo, trazem uma dessas propagandas. São duas páginas (42-43), as quais ocupam, exatamente, o meio da revista. O segundo plano das duas páginas traz uma multidão de lanternas acesas, em uma das campanhas realizadas por Soares. Na página par, no plano principal, aparecem os dizeres do anúncio “Grandes Louvores na voz do Missionário R. R. Soares”, seguidos de uma imagem do CD (contendo Soares na capa e centenas de pessoas ao fundo) e do número do telefone do setor de televendas. Na ímpar, uma enorme foto de

Soares, sorrindo, com o microfone próximo à boca, ocupa, praticamente, todo o plano principal da página, seguida da logomarca da gravadora em tamanho reduzido.

Mas não é só no Show da Fé e na revista Graça Show da Fé que a figura de Soares é enfatizada pela IIGD. Isso acontece também no *site* oficial da denominação. Nele, o Missionário é sempre o assunto preponderante. Suas fotos nas campanhas, suas mensagens, suas pregações, seus CDs, seus livros e a história de sua vida e de seu ministério são o tema principal do portal eletrônico. Fatores como esses demonstram a centralidade de Soares nos materiais midiáticos da igreja, assim como reforçam a relevância de tomar o discurso dos veículos da denominação fundada pelo Missionário como o *locus* da produção e retroalimentação da história que a IIGD conta sobre e para si mesma.

Nas linhas abaixo, faço uma apropriação etnográfica da construção midiática oficial acerca da constituição da liderança do Missionário, discutindo a estruturação dessa liderança a partir do entendimento de Weber da categoria carisma. No que se refere à forma como a igreja narra a trajetória de Soares, como alguém que, “desde sempre”, demonstrou aptidões para se tornar um “grande homem de Deus”, aproximar-me-ei dessa narrativa por meio da problematização que Pierre Bourdieu faz sobre *A ilusão biográfica* (2002).

Um “menino especial”. Romildo Ribeiro Soares, o Missionário R. R. Soares, é construído junto aos membros, frequentadores da IIGD, telespectadores do Show da Fé e simpatizantes do programa, como um homem “separado por Deus”, que buscou “a realização de um sonho que acalentava em seu coração desde os 11 anos de idade”: pregar a Palavra de Deus na televisão (Graça Show da Fé, 69, abril de 2005, p. 44). É a partir desse “sonho de menino” que sua trajetória missionária e televisiva é recontada pelos meios de comunicação da denominação.

Um dos aspectos que observo nessa narrativa é a construção de Soares como alguém que, a despeito da intrepidez com que prega para milhares de pessoas, seria “muito simples”. Isso se explicaria pelo fato de o Missionário ter nascido em 06 de dezembro de 1947, em Muniz Freire (ES)^{xv}. Ele seria oriundo de uma família pobre (sua mãe teria

sido dona-de-casa, e seu pai, pedreiro) e numerosa (sua mãe, além de Romildo, teria tido quatro filhos). Situação que teria feito com que R. R. Soares tivesse que começar a trabalhar muito cedo para ajudar os pais (Assmann, 1986, citado em Mariano, 1999: 99).

Esse aspecto é frisado por Soares, de forma recorrente, em suas inúmeras pregações enaltecendo a prosperidade. Não são poucas as vezes em que o Missionário toma a si próprio como exemplo para os que ouvem suas mensagens, fazendo questão de salientar que, devido às situações de privação que teria vivenciado nos tempos de garoto, sabe “o que é padecer necessidade, o que é você desejar, na mesa, num domingo principalmente, ter um pedaço de carne e não ter. O máximo que se conseguia, muitas vezes, era um ovo frito, uma coisa assim (...)”^{xvi}.

Como ocorre em toda narrativa acerca da construção de um personagem, por meio da descrição e do relato de sua vida, no discurso oficial da igreja, as “origens” do ministério de R. R. Soares parecem remontar à sua infância, por conta da formação religiosa tanto de sua mãe, a católica Altamira Areias Soares, quanto de seu pai, Atair Ribeiro Soares, que teria sido freqüentador da igreja batista, tendo-se dela afastado posteriormente.

De acordo com o texto da revista Graça Show da Fé, quando esse líder tinha apenas seis anos, sua família teria recebido um convite para assistir a um culto em ação de graças pelo aniversário da Igreja Presbiteriana de Muniz Freire, cujo templo situava-se ao lado da casa de Romildo. Seus pais teriam aceitado o convite por educação, rejeitando-o logo em seguida. Isso porque a mãe de Soares não suportava congregações evangélicas. Entretanto, os pais teriam mandado os filhos representarem-nos. Na matéria, Soares afirma ter ouvido Deus falar ao seu coração naquela noite, durante a pregação: “Quando o pastor fez o apelo para as pessoas aceitarem Cristo, as lágrimas desceram em meu rosto. Declarei que recebia Jesus como meu Salvador” (p. 45).

Em sua decisão, Soares teria recebido o apoio de seu avô paterno, Cornélio Ribeiro Soares, membro fundador da primeira igreja evangélica do referido município, a Primeira Igreja Batista em Muniz Freire, e assíduo freqüentador dessa denominação.

Em consequência dessa relação expressiva com seu avô, posteriormente R. R. Soares ter-se-ia tornado batista, igreja que teria sido freqüentada pelo líder até a ocasião de sua migração para o Rio de Janeiro.

No que tange à atribuição do significado religioso da trajetória do Missionário como tendo “raízes profundas” em sua infância, não são poucas as histórias, presentes em toda a literatura oficial, que relatam Soares como tendo sido, a exemplo de Jesus^{xvii}, uma pessoa “especial”, desde a sua mais tenra idade. Sua conversão ao Evangelho teria acontecido “precocemente”: aos seis anos de idade. O próprio Missionário conta e reconta a maior parte desses relatos, ao longo de suas pregações na TV e em seus CDs de sermões e pregações. Algumas dessas histórias foram retomadas na matéria comemorativa a que fiz referência neste texto. Nela, não faltam depoimentos acerca do caráter de distinção, “desde sempre”, entre o líder da IIGD e as demais pessoas.

A forma oficial de narrar a trajetória de Soares busca encontrar uma continuidade, à maneira de criar um elo de ligação entre o líder que Soares é, aos 58 anos, com o menino que, aos seis, ter-se-ia convertido e, aos 11, queria falar de Jesus na televisão. As referências feitas à caminhada religiosa de Soares reconstroem os fatos pregressos da vida deste pregador, um real descontínuo, aleatório, caótico e “formado de elementos justapostos sem razão” (Bourdieu, 2002: 183), procurando achar “um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária (...) na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (*Idem*: 184). A essa forma de narrar uma história de vida, Bourdieu chama de “ilusão biográfica”.

É esse o sentido preciso da fala dos entrevistados. Os depoimentos, selecionados pela jornalista que assina a matéria comemorativa dos 30 anos do ministério de Soares (Graça Show da Fé, 69, abril de 2005), afirmam a liderança de Soares, delineando o Missionário como alguém: 1) que teve “sempre” muita “destreza no falar” (cf. Paulo Favoretto, amigo de infância do Missionário), 2) com “iniciativa” desde os tempos de criança (cf. Rubens Ribeiro Soares, primo do Missionário), 3) com um grande “carisma” (cf. Neuza Martins Misse, ex-professora primária do Missionário), 4) com um “chamado especial” (cf. Pr. Heron Soares, atual líder da igreja em que Soares se

converteu) e 5) que se tornaria “um grande homem de Deus” (cf. legenda referente à foto de Maria e Lael Soares, duas tias de Soares).

Tais depoimentos podem ser lidos como uma maneira de legitimar, *a posteriori*, o ministério de Soares, mediante sua “capacidade de liderança”, demonstrada desde a infância e os tempos de participação na Escola Dominical. Como sugere um dos entrevistados pela Graça Show da Fé, não é à toa que, ainda criança, mesmo sem estar à frente da classe, Soares a “liderava”, posto que “respondia tudo o que o professor perguntava, tinha iniciativa e era interessado na Palavra de Deus”^{xviii}. Afirmações como essa corroboram a seguinte consideração analítica de Bourdieu:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que ‘se entrega’ a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigadores perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário) tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis (2002: 184).

De acordo com a construção da matéria, essa “vocação para líder” seria tão “latente”, que, segundo Renato Crispim Aguilar, ex-prefeito de Muniz Freire e irmão de um amigo de infância de Soares, o Missionário teria até pensado, quando garoto, em ser presidente da Rep blica^{xix}. Como é peculiar a toda “ilusão biográfica”, de acordo com o discurso oficial que se constrói sobre a trajetória de Soares, as “origens explicativas” para o entendimento não são do ministério desse líder, como t mbem de muitas doutrinas pregadas por ele, deveriam ser buscadas nos tempos em que esse pregador ainda era uma criança. A cura divina, por exemplo, teria sido uma questão que o inquietara “desde pequeno”, como aparece no depoimento de uma de suas tias paternas, a quase centenária Maria Soares:

Quando, certa vez, lemos no culto doméstico a passagem bíblica sobre a cura da sogra de Pedro, Romildo guardou aquele texto, sentou-se em um toco de madeira e ficou questionando: ‘Como mandou a doença sair e ela foi embora? Se eu mandar esse toco sair do lugar ele vai sair? Então, a doença obedeceu às ordens porque Jesus mandou, e ela saiu’. Foi a primeira vez que ele refletiu sobre o dom da cura (*Idem*, p. 45).

No depoimento citado, não é qualquer pessoa que “atesta” que as potencialidades missionárias se mostravam precocemente na personalidade de Soares, mas sua tia mais

velha, a que está “prestes a completar cem anos de idade” (*Idem*), como aponta a jornalista que assina a matéria. Como se sabe, quando se trata de história oral, a idade dos narradores é um dos fatores capazes de conferir *status* de legitimidade ao fato que se quer contar. Maria Soares está, portanto, mais do que autorizada a falar sobre o Missionário, pois é alguém que testemunhou as “origens” da vida religiosa do Missionário. Sua idade avançada não lhe confere senilidade. Ao contrário, representa a fonte de muita sabedoria.

Ela viveu mais do que qualquer entrevistado pela jornalista que escreve a matéria. Melhor do que ninguém, ela sabe do que está falando, porque esteve presente nos momentos mais importantes da vida do sobrinho, tendo presenciado, dentre outros acontecimentos significativos da trajetória de Soares, a transformação do menino Romildo, que aos seis anos irrompeu em lágrimas e aceitou Jesus, em uma figura pública, a saber, a do pregador “conhecido no Brasil e em diversos países do exterior pelo nome de Missionário R. R. Soares”: o homem que “leva o Evangelho, em horário nobre, a milhões de lares brasileiros por meio do **Show da Fé**” (*Idem*: 44, grifo da revista).

O “encontro” com a televisão. Nem mesmo o televangelismo, com o qual Soares ter-se-ia envolvido desde o final da década de 70, foge a essa tentativa de atribuir os arquétipos ministeriais do referido líder a uma espécie de “unificação do eu”, por meio da seleção de certos acontecimentos significativos e do estabelecimento de conexões entre eles, para lhes dar coerência. Como ensina Bourdieu (2002: 184-185), é comum, nessa estrutura narrativa, a presença de expressões que visam a demarcar a linearidade do sujeito sobre o qual se fala, como “já”, “desde então”, “desde pequeno”, “sempre” e outros termos afins. Seguindo essa lógica, Jether Soares, outra tia paterna do Missionário, ao rememorar a trajetória do “famoso” sobrinho, relata como teria surgido o desejo desse pregador de evangelizar pela televisão:

Quando estive em Cachoeiro [de Itapemirim], **ainda pequeno**, ele assistiu à televisão pela primeira vez e disse: ‘Tanta gente fala de tudo aqui, mas não se refere a Deus. Se o Senhor me der condições, um dia, vou estar ali [na TV], falando do Seu Nome’. Soares cresceu com esse sonho e não desistiu. Acho que ele faz um grande trabalho, atendendo ao chamado de Deus (Graça Show da Fé, 69, abril de 2005, grifo meu).

O “encontro” de Romildo com a televisão teria acontecido em 1958, quando ele tinha apenas 11 anos. Esse episódio reforça não só a construção da precocidade de Soares quanto ao desejo de pregar, mas ainda quanto à sua capacidade de “profetizar” o potencial de alcance e expressividade que a TV ganharia décadas seguintes. Soares atribui à leitura da Bíblia essa sua capacidade de prever a importância que a televisão iria adquirir tempos depois. Em entrevista à revista *Veja* de 1/10/03, perguntado se o livro sagrado dos cristãos “já falava sobre a televisão, só que de forma enviesada”, o Missionário afirma que as Escrituras Sagradas contêm passagens não só sobre a TV, como também a respeito de “muitas coisas atuais”, como os automóveis e o computador^{xx}.

No que se refere às considerações de Soares e à sua “profecia” sobre a televisão, convém lembrar que os idos de 1950 se reportam ao início da utilização desse meio de comunicação no Brasil, quando ele era ainda um desconhecido da maioria da população brasileira. Como apontam Muniz Sodré e Raquel Paiva, nos 15 primeiros anos em que a TV esteve em funcionamento, havia menos de dois milhões de aparelhos receptores em todo o país (2002: 113). Mesmo entre os técnicos, ela possuía um caráter incipiente e experimental.

Mas o menino Romildo, nascido em uma família pobre e interiorana, e que conhecia a televisão apenas de ouvir falar sobre ela, ao tomar contato com esse meio de comunicação, em uma loja em Cachoeiro de Itapemirim, fica impressionado e tira a seguinte conclusão: “esse negócio de televisão é bom!”.

Era noite. Havia umas cem pessoas diante da vitrine. Passei na frente de todo mundo, fiquei olhando para a TV e gostei. Bem impressionado, olhei para o pessoal e vi que estavam alguns de boca aberta, outros com os olhos bem arregalados. Exclamei: ‘Jesus, como esse negócio de televisão é bom!’ Na época, eu era líder da classe de intermediários (entre a infância e a adolescência) na Igreja Batista, com mais de 40 jovens. Pensei: ‘Jesus, não há ninguém falando do Senhor na televisão’. Vi que era meu chamado. Disse a Ele: ‘Prometo-Lhe que, se o Senhor me der condições, um dia, vou estar lá, falando de Ti’. Se alguém soubesse, pensaria que eu era doido: era pobre, sapateiro por profissão, e meu pai era pedreiro. Como é que, um dia, eu poderia estar na televisão? Porém, daquele sonho não esqueci: guardei-o no coração e o cultivei (*Graça Show da Fé*, 49, p. 33).

Esse trecho em que R. R Soares relembra seu “primeiro encontro” com a televisão é emblemático da construção do Missionário não apenas como um visionário, um homem que consegue enxergar o que ninguém vê (“Se alguém soubesse, pensaria que eu era doido”), mas também como uma pessoa destemida e determinada a perseguir aquilo em que acredita, não se deixando abater nem mesmo pelas “supostas” limitações das condições materiais que se lhe impunham – ser “pobre, sapateiro por profissão” e filho de pedreiro. Ao contrário, Soares não se esqueceu do sonho que tinha, guardando-o no coração e cultivando-o, na esperança de realizá-lo mais tarde.

Dando seqüência à narrativa da revista, em 1964, então com 16 anos, Soares ter-se-ia mudado para o Rio de Janeiro, tendo deixado de viver ativamente a fé evangélica durante quatro anos. Em 1968, aos 20 anos, Romildo teria ido a um culto da Igreja Pentecostal de Nova Vida^{xxi}, a convite de uma tia. Em tal igreja, Soares teria começado “a presenciar curas e libertações de pessoas oprimidas por espíritos malignos” (Show da Fé, 69, abril de 2005, p. 46). Antes de se tornar um ministro do Evangelho, o Missionário teria tido algumas “experiências muito fortes com Deus”. Estas, no âmbito do carisma em estado “puro” descrito por Weber, podem ser entendidas à maneira de “revelações”, pois a dominação carismática, ao contrário da tradicional, derruba os precedentes do passado, sendo, neste sentido, “especificamente revolucionária” (1999: 160).

Uma dessas “experiências”, ou “revelações”, segundo a matéria de Graça Show da Fé, 69, teria ocorrido em 1968, após R. R. Soares ter lido o livro *Curai enfermos, expulsai demônios*, de um dos líderes religiosos norte-americanos que mais influenciaram os pastores neopentecostais brasileiros, o Rev. T. L. Osborn. Aparentemente, Soares parece ter-se inspirado nesse pregador para usar seus dois primeiros nomes abreviados^{xxii}. O *site* da igreja também registra o começo da “vida espiritual de R. R. Soares” como tendo sido em 1968. Segundo o portal:

Após ler o livro de T. L. Osborn, intitulado ‘Curai enfermos, expulsai demônios’, ele sentiu o impulso para o ministério, e desistiu do que antes fora o seu sonho, que era estudar Medicina, pois lhe tinha sido prometida uma bolsa de estudos no curso de Medicina na Universidade Patrici Lovouba, em Moscou, na Rússia.

A segunda e mais importante experiência que o Missionário teria tido com Deus teria ocorrido em 1984, quando Soares, em busca da cura para um “insistente resfriado”, teria lido o livro *O nome de Jesus*, de Kenneth Hagin^{xxiii}, “descobrimo” que o verbo “pedir”, utilizado no texto de João 14.13, deveria ter sido traduzido como “exigir”, “mandar”, “determinar”, denotando, nos “originais” em grego, um sentido que expressaria mais a idéia de dar uma ordem do que a de pedir ou suplicar por algo. Em outras palavras, a petição incessante e contrita, comum entre os protestantes históricos, deveria ser substituída por uma atitude de intrepidez e determinação diante dos problemas cotidianos que se apresentam aos crentes.

A essa “descoberta teológica” de Soares, os veículos da denominação atribuem a “origem” da “determinação”, a doutrina mais importante da Igreja da Graça, apontando para a relevância da cura divina no ministério de R. R. Soares. A determinação tem sido construída por Soares como o diferencial da IIGD em relação à Igreja Universal, já que esta se tornou conhecida pela ênfase no exorcismo e nos rituais de possessão. Vale ressaltar que a determinação, ao contrário do que os veículos da IIGD costumam salientar, não é uma categoria religiosa que apareça, unicamente, entre os adeptos da igreja de Soares. Outros autores ressaltam seu uso também por frequentadores da Igreja Universal (Mesquita, 2003).

Entretanto, quando o aparato midiático da IIGD faz referência a essa doutrina como sendo fruto de uma “experiência” do Missionário com Deus, leio essa afirmação como marcada por elementos que revelam a disputa simbólica em torno da “autoria” dessa categoria. Por parte da Igreja da Graça, o que noto é uma tentativa de assegurar a exclusividade do termo ao ministério de Soares. Mais ainda: isso revela uma maneira de garantir anterioridade e superioridade à missão que Soares teria recebido do próprio Deus.

Remetendo-me novamente à experiência que Soares teria tido ao ler o livro do pastor norte-americano T. L. Osborn, é importante apontar, no depoimento registrado no *site* da igreja, que Soares acalentava ainda um outro sonho, o de cursar Medicina, tendo obtido uma bolsa de estudos no exterior^{xxiv} para realizar essa aspiração. Creio que registrar isso no portal da denominação tem o significado de enunciar que valeu a pena

o Missionário renunciar ao sonho de se tornar um médico, em prol de uma causa maior: a da proclamação do Evangelho.

Ao optar pela missão de pregar a Palavra de Deus, Soares abandonou o desejo de ser médico, transformando-se, então, em um “pescador de homens”^{xxv}. Assim como os discípulos, ao ouvirem o chamado de Jesus, deixaram sua ocupação terrena para tornarem-se resgatadores de almas para o reino de Deus, Soares também teria atendido prontamente não à vocação que escolheu, mas àquela para a qual teria sido escolhido. Uma vocação ainda “mais sublime” do que a de um médico, pois este, a despeito de todos os seus conhecimentos, tem em suas mãos a capacidade “limitada” de salvar vidas fisicamente. O trabalho missionário, entretanto, vai muito além: oferece salvação ao corpo e à alma.

Dessa forma, em 1968, após ter desistido da idéia de estudar Medicina, Romildo teria migrado para a Igreja Pentecostal de Nova Vida. De tal denominação, Soares ter-se-ia tornado membro. Nela, teria casado, em 1973, com a irmã de Edir Bezerra Macedo, Maria Magdalena Bezerra. Em 1974, a convite do Pr. Samuel Coutinho, Soares teria ido à Casa da Bênção^{xxvi}, liderada pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes. Lá teria sido apresentado a Cecílio Fernandes por Samuel Coutinho. Naquela mesma noite, teria sido convidado para fazer a pregação e, no ano seguinte, em 13 de abril de 1975, Soares teria sido consagrado ao ministério pastoral por Cecílio Fernandes. Embora a matéria da igreja oculte esta parte, convém frisar que, como salienta Mariano (1999: 55 e 99), a mesma ordenação ao pastorado teria ocorrido com Edir Macedo.

Naquele ano, Soares e Macedo, ao lado de Roberto Augusto Lopes e dos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, teriam fundado a Cruzada do Caminho Eterno. Contudo, em decorrência de desentendimentos com os irmãos Coutinho, Soares, Macedo e Roberto Lopes ter-se-iam desligado do Caminho Eterno e fundado, no dia 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Mariano afirma que, logo no início, R. R. Soares era o líder da IURD e seu principal pregador. Todavia fatores como o estilo autoritário e centralizador de Macedo teriam feito com que Soares perdesse expressividade na denominação fundada por ambos (*Idem*: 56). A diferença entre os dois ter-se-ia tornado tão abissal, que Macedo teria proposto uma votação do presbitério, com vistas a que os

dois chegassem a um denominador comum acerca de quem permaneceria à frente da igreja.

Tendo perdido a disputa, Soares teria decidido sair da IURD. Oficialmente, esse assunto não é retomado nem pelos jornalistas da IIGD, nem por pelo Missionário. O mesmo silêncio aparece na matéria comemorativa dos 30 anos de consagração de Soares ao pastorado, onde não há sequer uma linha falando sobre a antiga parceria ministerial entre Soares e Macedo. Na entrevista que concedeu à *Veja*, entretanto, o Missionário ressignifica sua passagem pela Universal, alegando que teria consagrado Edir Macedo ao pastorado, e que tal líder atuava, na época, como seu assistente. Na mesma revista, Soares reconstrói também sua saída da IURD, afirmando que teria resolvido desligar-se daquela denominação não em decorrência de qualquer desentendimento com seu cunhado, mas por ter resolvido “deixar a igreja com ele”, partindo, “mais uma vez” (*Veja*, 1/10/03, p. 15), para iniciar um novo trabalho.

A forma como Soares lida publicamente com essa questão parece indicar que, simbolicamente, o rompimento com Macedo não aconteceu. Mesmo porque, como apontam autores como Mariano (1999) e Oro (1996), a Igreja da Graça representa, em muitos aspectos^{xxvii}, uma continuidade litúrgica em relação à IURD. Para mim, isso é mais um indicativo de que a reconstrução da trajetória do Missionário, assim como todo levantamento biográfico, implica sempre uma tarefa de edição de fatos que se quer (ou não) contar, em consonância com a estrutura da narrativa mítica. Nesse sentido:

O mito narra uma situação ideal, desejável – não necessariamente irreal (...). A análise dos relatos não pretende sugerir que os fatos narrados são apenas fantasias, que não ocorreram, e muito menos que os sentimentos presentes não foram autênticos. (...) As histórias traçam padrões *ideais*, quadros de referência. Embora eficazes no plano dos valores, não encontram necessariamente uma correspondência prática (...) (KUSCHNIR, 2000: 24).

Uma matéria publicada na *Carta Viva*, número 55, publicada em junho de 2000, por ocasião da comemoração dos 20 anos da IIGD, remonta o surgimento da igreja a junho de 1980, “após uma imensa tempestade que se abateu sobre o ministério do Missionário R. R. Soares” (p. 7). “Tempestade” essa que pode ser lida como uma forma sutil e metafórica de enunciar as diferenças entre Edir Macedo e R. R. Soares sem ter que mencioná-las explicitamente.

Essa maneira como Soares ressignifica a antiga polêmica com seu cunhado pode ser entendida como uma “ruptura” que não se concretiza por completo. Uma vez que Soares é um homem público, optar pelo silêncio, não explicitando as diferenças com Macedo, pode significar uma forma de evitar simbolicamente qualquer desgaste de sua imagem em decorrência desse rompimento. Além do mais, isso confere a Soares a possibilidade de conquistar a simpatia do público evangélico mais amplo, inclusive a de possíveis freqüentadores ou membros da IURD. Mesmo porque essa é uma das características da apresentação midiática Soares. Ele não se constrói como partidário de uma igreja ou religião em particular, mas como um pregador do Evangelho Pleno. Essa atitude imprime a Soares as marcas de alguém que, por não polemizar suas questões com Macedo, mostra-se superior a elas.

A afirmação do Missionário como um homem que renunciou a uma igreja bem-sucedida e fundada por ele tende a acionar, na cosmovisão cristã, o sentido de alguém que se apresenta como um “verdadeiro vocacionado”, o qual não teme percalços e entraves em seu caminho. Ao contrário, como um crente destemido e “determinado”, Soares confia na tarefa que recebeu “do Alto”: pregar a Palavra de Deus a toda criatura, ou seja, “até os confins da Terra”. Uma missão que não começou nem em 1980, com o surgimento da Igreja da Graça, nem em 1977, com a fundação da Igreja Universal. O “chamado” de Soares é algo anterior e mais amplo que as duas igrejas por ele fundadas, pois ocorreu em 13 de abril de 1975, quando foi consagrado pastor na Casa da Bênção.

É nesse sentido que falar em IIGD implica enunciar a trajetória de R. R. Soares. Na representação que a igreja faz sobre si mesma, a imagem dessa instituição aparece sempre associada à de seu mentor espiritual. Como acontece no programa de televisão e nas edições da revista Graça Show da Fé, o texto sobre o surgimento da denominação, contido no *site* da igreja na Internet, não foge a essa tendência de mostrar a Igreja da Graça como um prolongamento ou uma parte indissociável do ministério de Soares.

Assim como nas matérias comemorativas dos aniversários da IIGD, o que era para ser a reconstituição da história da Igreja da Graça logo se transforma em uma retomada circular da trajetória de R. R. Soares. Ao narrar o processo de formação dessa igreja, o autor do texto veiculado no portal eletrônico afirma que, no início da fundação da IIGD,

em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense (RJ), o Missionário teria passado por “muitas privações e humilhações”, tendo sido, inclusive, preso por anunciar o Evangelho^{xxviii}.

Novamente, a construção da narrativa mítica contida no *site* da igreja segue a mesma estruturação da matéria comemorativa dos 30 anos de consagração de Soares. Uma lógica que se espelha na caminhada dos “heróis da fé”, como o próprio Saulo de Tarso. Como se sabe, este teria perseguido amplamente os primeiros cristãos. Um dia, teria tido um encontro com o próprio Cristo. Após a conversão, teria tido o seu nome mudado para Paulo, passando de perseguidor a perseguido.

Entretanto, assim como Cristo, que teria dado a sua vida pela humanidade, as aflições pelas quais Paulo teria passado, em sua missão de expandir o Evangelho “até aos confins da Terra”^{xxix}, não seriam comparáveis à grande recompensa que ele receberia por dar sua vida por uma causa suprema, convertendo todas as suas perdas em ganhos para o reino de Deus. No meu entendimento, Paulo de Tarso é o mais ilustrativo arquétipo de martírio e sofrimento presente no imaginário do cristianismo^{xxx}.

À semelhança da narrativa bíblica, o texto disponível na Web acerca das “origens” da IIGD reverte em ganho e converte em saldo positivo toda humilhação, todo sofrimento e toda provação, pelos quais o Missionário teria passado por pregar o Evangelho. O autor do texto faz isso, dentre outros recursos, utilizando-se do episódio em que Soares teria sido preso injustamente por pregar o Evangelho, acionando nos membros da IIGD e simpatizantes do ministério de Soares a “metáfora da perseguição”, elemento constitutivo e indissociável do universo axiológico do cristianismo.

Nesse ponto, o Missionário R. R. Soares transforma-se, como Paulo de Tarso e os primeiros crentes que fugiam da perseguição religiosa infligida pelo Império Romano, em um mártir da pregação do Evangelho, pronto a entregar a sua vida pela causa missionária. Se, no imaginário cristão, uma das “provas” que alguém pode dar de ser um vocacionado é sofrer aflições e mortificações em nome e por amor da causa de Cristo, a perseguição a Soares é mais uma “evidência” de que ele é um “escolhido por Deus”.

Dessa forma, na produção discursiva acerca da constituição da IIGD e do ministério de R. R. Soares, todas as “aparentes” perdas que esse líder teria sofrido ao longo de sua trajetória religiosa (a briga com Macedo, o desligamento da IURD, a desistência da bolsa de estudos na Rússia e a prisão injusta por pregar o Evangelho) são convertidas em aspectos positivos. Afinal, os “frutos” desse ministério são perceptíveis em termos numéricos. Como destaca o *site* da igreja, a IIGD possui atualmente “mais de mil templos abertos em todo o mundo, prontos a amparar vidas necessitadas do socorro divino”^{xxxix}. E quem melhor para oferecer suporte e alento aos abandonados à própria sorte, os “cansados e oprimidos”, do que alguém que já se viu na mesma condição de injustiçado?

Considerações finais. Diante da reincidência da narrativa em torno da biografia do Missionário R. R. Soares nos veículos de comunicação da IIGD e da construção da superioridade do ministério desse líder em relação à igreja por ele fundada, o que se pode concluir é que o aparato midiático da Igreja da Graça opera primordialmente na divulgação do ministério de Soares. Como se pode perceber, a mídia da igreja atua, sobretudo, como *locus* de reinvenção, propagação e retroalimentação da legitimidade da denominação, estruturada basicamente no carisma pessoal de R. R. Soares e em suas aparições diárias no Show da Fé.

Essa análise permite afirmar que, simbolicamente, R. R. Soares e a Igreja Internacional da Graça de Deus fundem-se em um só fenômeno. Mais do que isso, a história dos 26 anos de fundação da IIGD dissolve-se na e confunde-se com a trajetória religiosa do Missionário R. R. Soares. Pode-se concluir também que a experiência de Soares como alguém que, assim como o apóstolo Paulo, teria recebido de Deus a missão de levar o Evangelho aos lugares mais longínquos, serve de modelo no qual o conjunto de liderados da IIGD deve espelhar-se.

Ao contrário das igrejas protestantes históricas, que estruturam prioritariamente seu crescimento em torno do contato face a face e da valorização do papel das igrejas locais, representada pela importância atribuída a pastores que tenham concluído o seminário teológico, Soares tem estabelecido uma estratégia diferente de expansão para a sua

igreja. A atuação televangelística é entendida como fator preponderante de crescimento denominacional. Durante o Show da Fé, a reprodução, pelos líderes locais, do estilo do Missionário e de sua atuação como pastor, missionário, cantor, pregador e contador de histórias é a mensagem principal que Soares comunica à sua igreja, não exigindo de seus pastores, por conseguinte, formação teológica. A trajetória religiosa e ministerial de R. R. Soares ocupa, por si mesma, esse espaço de formação. Isso porque a biografia desse líder se apresenta simbolicamente como mais densa e significativa do que qualquer curso de preparação para os que desejam, assim como Soares, enveredar-se pelo exercício do pastorado.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Em: MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. Em: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. *Em busca da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre neopentecostais*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), 2003.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAIVA, Raquel & SODRÉ, Muniz. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

PEIRANO, Mariza (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Col. Antropologia da Política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PORTAL DA IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS, www.ongrace.com.br, acessado em 18/04/05, às 17h50.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*. Em: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

REVISTA CARTA VIVA, número 55, junho de 2000. Rio de Janeiro: Graça Editorial.

REVISTA GRAÇA SHOW DA FÉ, números, 49, 69, 71 e 72 (edições abril de 2003, abril, junho e julho de 2005, respectivamente). Rio de Janeiro: Graça Editorial.

SECCO, Alexandre. *Pregador reacionário*. Entrevista publicada em Veja de 1/10/03.

SILVA, Joseane Cabral da. *O Show da Fé: carisma e mídia na Igreja Internacional da Graça de Deus*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Vol. 1. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ⁱ Texto apresentado no XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade. Título: *Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, julho de 2006.

ⁱⁱ [Fundador e principal líder dessa denominação](#).

ⁱⁱⁱ Os dados apresentados nesta publicação são resultado de uma pesquisa qualitativa (Silva, 2005), desenvolvida entre janeiro e setembro de 2005, sob a orientação da professora Dr^a Márcia da Silva Pereira Leite e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ) em outubro do mesmo ano. O estudo teve como base a leitura etnográfica do discurso oficial da IIGD e oito meses de observação direta das campanhas realizadas em uma das filiais da denominação.

^{iv} O Show da Fé, apresentado por Romildo Ribeiro Soares e exibido, de segunda a sexta, no horário nobre, pela Rede Bandeirantes.

^v No que se refere à estética da recepção, por exemplo, seria interessante comparar “o dito e o feito” (Peirano, 2001) pelos nativos desse grupo religioso.

^{vi} Esses eventos congregaram, em estádios de futebol e ginásios esportivos localizados em diferentes cidades do Brasil, um número expressivo de pessoas para celebrar o aniversário de 30 anos de consagração do Missionário ao pastorado.

^{vii} Cf. www.ongrace.com.br

^{viii} Sobre o formato, a tiragem, a relevância e a especificidade de cada uma das publicações da Graça Editorial, ver Silva (2005: 51-66).

^{ix} Evento que ganhou maiores contornos e vultos do que os habituais aniversários da igreja. Para a ocasião, foi confeccionada uma vinheta, cujo refrão demarca a sensível centralidade e importância da trajetória de Soares na representação que a IIGD faz sobre si mesma: “Vamos comemorar/ Trinta anos de consagração deste homem de Deus/ Missionário R. R. Soares, homem de Deus”.

^x Problematizo esse termo do ponto de vista antropológico. No que se refere ao estudo da história, estou mais interessada, assim como a antropologia, “nas representações de uma comunidade do que na verdade dos fatos ou na tendência dos valores” (Portelli, 2002: p. 107).

^{xi} À medida que são incorporadas pelos fiéis, tais histórias do imaginário cristão coincidem com a própria trajetória dos crentes.

^{xii} [Instituição que funciona como propagadora da narrativa acerca dos personagens bíblicos.](#)

^{xiii} Cf. Salmos 81.10, referência muito comum entre os evangélicos para falar do “dom da fala”.

^{xiv} Segundo dados da IIGD, ano em que o primeiro programa evangelístico de Soares teria ido ao ar pela antiga TV Tupi.

^{xv} Município do sudoeste do Espírito Santo, próximo a Cachoeiro do Itapemirim, com uma população atual de 20 mil habitantes.

^{xvi} Cf. sermão gravado no CD *A prosperidade é dom de Deus*, da Série Mensagens 1. O disco foi encartado em um dos números da antiga revista Graça.

^{xvii} Faço essa comparação com a figura mítica de Jesus, pois, segundo a narrativa bíblica, com apenas 12 anos, Cristo já passava boa parte de seu tempo no Templo, assentado entre os doutores da lei, “ouvindo-os e interrogando-os” (Lucas 2.42-46). Creio que, na representação da igreja sobre Soares, ressaltar o aspecto da precocidade da liderança de Soares não é algo que ocorre “por acaso”. A Bíblia é repleta de histórias de crianças-prodígio.

^{xviii} [Depoimento de Rubens Ribeiro Soares, um dos primos com quem Romildo teria brincado quando criança.](#)

^{xix} “Ele ficava correndo em cima do muro entre a casa dele e a Igreja Presbiteriana, dizendo que seria o presidente do Brasil” (Graça Show da Fé, 69, abril de 2005, p. 46).

^{xx} “A Bíblia é um livro riquíssimo. Não existe nada melhor do que entender a palavra de Deus. Foi escrita por várias pessoas e é um livro só, uma mensagem só. Não tem um erro. Tudo é extremamente atual. Veja alguns exemplos. Uma passagem diz o seguinte: ‘O que eu vos digo em gabinete pregai em cima do telhado’. De onde vem o sinal da TV? Da antena de televisão, que fica sobre o telhado. (...) Em uma outra passagem, um profeta fala de carros que passam furiosamente. São os automóveis. O computador também deve estar lá, porque Deus disse que todas as coisas estão guardadas com ele” (Veja, 1/10/03, p. 11).

^{xxi} Fundada pelo missionário canadense Robert McAllister, em 1960.

^{xxii} Na entrevista, publicada em *Veja*, perguntado se R. R. Soares seria o “nome artístico” para Romildo Ribeiro Soares, o Missionário afirma que pensou em criar essa designação por lembrar “que os americanos usam muito as siglas” (p. 11).

^{xxiii} Hagin é tido como um autor controverso entre os evangélicos, por sua formulação da Confissão Positiva, seu ministério, caracterizado “por transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais” (Mariano: 1999: 151).

^{xxiv} O recebimento da bolsa de estudos por Soares é um tema recorrente no discurso oficial da IIGD. Entretanto, os detalhes sobre a obtenção desse financiamento nunca são fornecidos, nem por Soares nem pela igreja.

^{xxv} Cf. a passagem bíblica registrada em Marcos 1.17.

^{xxvi} Igreja pentecostal que se formou a partir da década de 50 (Mariano, 1999: 55 e 99).

^{xxvii} Como a presença de liderança carismática, a flexibilidade quanto aos usos e costumes, o enfoque na Teologia da Prosperidade, a organização da igreja em um sistema burocrático-empresarial, as chamadas “correntes de oração”, dentre outros aspectos.

^{xxviii} O *site* menciona o episódio da prisão do Missionário por pregar o Evangelho, mas, como no caso da obtenção da bolsa de estudos na Rússia, não entra em detalhes sobre a detenção.

^{xxix} Cf. Atos 1.8, termo utilizado em toda a literatura da IIGD para se referir aos limites territoriais do ministério de Soares.

^{xxx} Existem diversas frases, atribuídas a ele, que o sintetizam como mártir do cristianismo. A mais conhecida é: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Cf. Filipenses 1.21).

^{xxxi} A IIGD está presente, segundo dados do portal eletrônico, não apenas no Brasil, mas em países como Uruguai, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Peru e México.